

O POETA ANTÓNIO FEIJÓ

— As suas andanças como diplomata — (1859 - 1917)

1. Ascendência e passagem pela Universidade

António Feijó — informa-nos Francisco de Queiroz — «nasceu, último de quatro irmãos, em Ponte de Lima, em 1 de Junho de 1859¹, numa casa da Rua do Pinheiro, que pertencia a seus pais e já não existe, tendo sido demolida, por seu irmão José, que aproveitou os materiais na construção de pequenas casas, para famílias de modestos haveres. Afirmam-me que era de uma arquitectura absolutamente incaracterística. Essas pequenas casas é que ainda estão na mesma. O Município de Ponte de Lima deu depois à rua o nome do Poeta.

Os primeiros estudos devia tê-los feito com qualquer professor primário local. Parte dos preparatórios fê-los ainda na sua terra, onde foi, pelo menos, discípulo do professor Miguel Lemos, outrora no Liceu de Braga, o seu espírito afectivo já lhe grangeou amigos, que ficaram para sempre².

¹ Nasceu a 1 de Junho de 1859, como consta do livro de baptizados da freguesia de Santa Maria dos Anjos, de Ponte de Lima, relativo aos anos de 1845-1880, p. 212. O termo do baptismo pode o leitor encontrá-lo transcrito, *ipsis verbis*, em *Cardeal Saraiva*, Ponte de Lima, 21 de Maio de 1959.

² Em Braga, sob a égide de João Penha, escreveu os seus primeiros versos. É de 1882 a sua estreia em volume, com *Transfigurações*.

António Feijó e seu irmão José foram discípulos de Latim e Latinidade de Miguel Roque dos Reis Lemos, então professor oficial do ensino secundário em Ponte de Lima.

Mas António Feijó foi o seu discípulo dilecto. A seu Mestre veio a oferecer a sua fotografia de quintanista de Direito, tal como lhe dedicou a poesia *Moderno Hephaistos das Liras e Bucólicas*.

Estudou latim nos seus tempos de rapaz. Mas fê-lo, um tanto, à força. E daí a repugnância pelo Horário, que lhe impunham de dedo em riste. Ao ler as *Horacianas*, de António Ferreira, seu conterrâneo e amigo, assim lhe confessava:

«Graças aos velhos métodos adoptados no ensino do Latim, nos seus tempos de rapaz, Horácio afigura-se-me um personagem rebarbativo, de relações muito difíceis; e quando saí das mãos do Lemos para as do célebre Patagónia, o velho poeta era para mim quase um inimigo pessoal. Tinha-lhe horror. Fizemos as pazes, muitos anos depois, desde que por esforço próprio, desembaraçando-me de velhos métodos e sacudindo velhas preguiças, consegui compreendê-lo e admirá-lo, como merece. Desde então é um dos meus camaradas favoritos.»

*

«Em 1877, matriculava-se Feijó na Faculdade de Direito, de Coimbra, com 18 anos, portanto. O Conselheiro Luís de Magalhães, que depois lhe ficou tão dedicado, conta o primeiro encontro dos dois, no alto da torre, e como logo se entenderam e logo começaram a estimar-se. Eram dois poetas, não admira. Apesar do seu claro espírito e da sua regular aplicação, o poeta teve de repetir o primeiro ano, por não ter satisfeito inteiramente a exigência do Doutor Bernardo de Albuquerque, catedrático de Direito Romano, então».

E o nosso informador acrescenta, em nota:

«Dos oitenta e um caloiros, que no ano lectivo de 1877-1878 iniciaram o curso de Direito, apenas trinta e nove escaparam ao corte sofrido no acto do 1.º ano. Feijó foi dos sacrificados. E parece nunca ter perdoado ao professor a que atribuiu o seu desastre e o de tantos condiscí-

pulos. Dos que escaparam, um foi o seu amigo Luís de Magalhães»³.

Há quem diga que Feijó teria sido reprovado na cadeira de Direito romano, regida pelo Doutor Bernardo de Albuquerque, por Feijó lhe ter alvejado os hirsutos bigodes, na quadra-pergunta que então corria, de todas as bocas:

*Haverá por'i quem merque
— Gritava um homem na feira —
Vassouras de bigodeira
Do Bernardo de Albuquerque?*

Conta-se, no etanto, que Albuquerque teria reprovado Feijó, não por virtude da sátira aos bigodes, mas por tê-lo na conta de estúpido: — de inteligência, nicles!

Mais tarde, porém, daria o dito por não dito, dizendo a Feijó:

— Enganei-me, a seu respeito.

E logo Feijó na ponta de língua:

— Eu é que nunca me enganei a respeito de V. Ex.^a!

Ora toma!

Não nos custa a crer que Feijó fosse o autor da quadra que punha a ridículo os bigodes de Albuquerque. Dele o epigrama que visava o lente do quarto ano jurídico, Doutor Guimarães Pedrosa, tão pequenino de corpo, que os estudantes lhe chamavam o *Petiz*. *Petiz* de corpo, mas gigante na argumentação, porventura o mais sagaz dialecta da Faculdade. Pois bem: a quadra, que Feijó lhe atirou ao toutiço, rezava assim:

*Traz mais ideias frementes
Na cabeça pequenina,
Do que todas as sementes
Duma abóbora menina!*

Feijó foi estudante exemplar. A vinte e cinco anos da triste reprovação com que o Albuquerque o mimoseou, eis

³ Francisco de Queiroz, *António Feijó e os Poetas Contemporâneos da Ribeira Lima*, pp. 9-10, Coimbra, 1936. Biblioteca da Universidade.

o que ele escrevia a um amigo: «Nunca fui para a aula sem saber conscientemente a minha lição, nunca faltei ao respeito e à consideração ... Tive sempre um comportamento exemplar (nem versos fazia) e não obstante todas estas virtudes, foi o meu sacrifício galardoado com uma formidável raposa, que, ainda vejo pernear na minha imaginação.»

Segundo António Cabral, Feijó não morria de amores pela Sebenta. A sua paixão era a Musa. Cabral, seu contemporâneo, estes versos lhe fez:

*Na linda Coimbra, confusa,
Passeia, todo liró
De braço dado co'a Musa
O poeta António Feijó.*

*Sai-lhe à frente a Sebenta,
Armada com um cipó,
E desanca — a ciumenta!
O poeta António Feijó.*

*Pobre Sebenta, coitada!
Pobre Musa atrapalhada!
Ambas causais muito dó.*

*Quem vos lamenta sou eu ...
... Em que danças vos meteu
O poeta António Feijó! ...*

*

António Feijó fez o seu curso de Direito, um tanto forçadamente. Ele quem falou do seu ódio à jurisprudência. Não nascera para lidar com autos, processos, e todas as estopadas que se prendem com o papel selado. Poeta — e só poeta — ele gostaria de ser, se o ganha-pão o não obrigasse a actividades bocejantes⁴.

⁴ O quarto de João Penha, em Coimbra, era um santuário inviolável. Quem tinha poesia ou prosa para lhe mostrar, ia lá apenas entregar-lha; e ele depois a restituía com as suas correcções, singelamente, acrescentando antes um gesto, um sorriso de incitamento às

Quem não lhe compreendia essa atitude era o pai, que considerava a poesia mero chocolate lírico, quando o que importava era o bife em sangue. Para o pai, arte, preguiça, desleixo e... ilhas adjacentes eram tudo e uma e a mesma coisa.

*

Feitinho o seu Direito em Coimbra (e a coisa levou-lhe meia dúzia de anos, porque o Albuquerque o reprovou no 1.º ano), olhou para os lados, e a si mesmo perguntou: ficar aqui no Calcanhar do Mundo, a advogar, ou ir para a pasmaceira do notariado, julgar réus, ou vadiar por esse planeta além, com viagens pagas pelo Estado, visto que eu não tenho com que cantar um cego? Diplomata é que está a calhar. E calhou mesmo. Começou pelo Brasil, acabou em Estocolmo.

2. Precisão de dinheiro

Enquanto frequentou a Universidade, um dos seus tormentos era a falta do rico dinheirinho... O pai nunca foi, para ele, de grandes generosidades. A seu irmão José, assim escrevia:

«... Preciso de dinheiro para pagar umas dívidas que por aqui tenho, comprar roupas e outros aprestos indispensáveis. Meu Pai disse-me que me não dava nem mais cinco réis, e faz bem porque cinco réis só não queria. Mas disse-me que arranjasse eu o dinheiro que ele me fiava. Eu posso arranjá-lo aqui, mesmo sem o concurso de ninguém, mas desgraçam-me e quero fugir destes lobos. Também to não peço a ti, porque podes estar a fazer sacrifícios. Peço-te, porém, para mo arranjares, porque eu talvez o possa conseguir em Outubro e paga-se então. [...] Manda dizer-me se podes fazer-me mais favor, mediante uma percentagem favorável, para eu te mandar uma letra, com

esperanças do neófito. (Bernardino Machado, *A Universidade de Coimbra*, no capítulo relativo a João Penha. António Feijó deve ter sido um desses tais neófitos.

a quantia que não é muito grande, mas que também não é muito pequena. Com isto fazes-me um grande favor; conseguir que eu deixe o meu nome sempre honesto e honrado por onde passar»⁵.

E ao pai a mesma lamúria:

«Como sabe tenho agora mais despesas do que nos anos anteriores e preciso de dinheiro. É-me necessário pagar adiantadamente ao fotógrafo que vem agora antes da Páscoa, e satisfazer uma conta ao livreiro, achando-me neste momento como S. João no deserto. Valha-me nesta ocasião com o orvalho do céu mandando-me 4 libras pelo correio. Eu fico a fazer uma oração, para que Deus ponha alguma virtude nesta carta.

Tenho também a dizer-lhe que, na minha qualidade de Bacharel em leis, preciso de uma casaca para os grandes dias. A Páscoa vem agora e necessito de uma véstia rica para me apresentar à sombra do Visconde da Aurora.

Eu vou mandá-la fazer agora, mas basta pagar-se depois da Páscoa»⁶.

Em Coimbra, como estudante, sempre em crise de dinheiro. E depois, enquanto procurava colocação, a mesma crise.

3. Vai a concurso para lugares de Cônsul ...

Vai a concurso para lugares de cônsul. É aprovado com 4 B e um E.

«Apesar deste último, levanto as mãos à Providência. Foi uma vitória, atentas as circunstâncias.

Todos os lugares da legação já estavam dados e, portanto, de antemão, determinada a classificação de cada um

⁵ *Cartas íntimas de António Feijó*, p. 2, Coimbra, 1961. Tudo que, a seguir, vai transcrito, consta das *Cartas íntimas*. Não pusemos, para aí, prego nem estopa. Ainda bem. Pelo próprio António Feijó, ficamos no segredo das suas andanças de funcionário da Diplomacia. As cartas situam-se entre 1880 e 1892, e foram dirigidas a seu irmão José, advogado, primeiro nos auditórios de Ponte de Lima, e, depois, nos de Viana do Castelo.

⁶ *Ibidem*, p. 7.

Ainda me demoro alguns dias para tratar de algumas coisas sobre o meu despacho.

Tenho esperanças de o conseguir para qualquer ponto do Brasil.

[...] Há consulados vagos no Brasil e dos actuais concorrentes ninguém os quer. Vê se me mandas o dinheiro de que te falei, porque estou quase sem vintém»⁷.

Na carta seguinte, novo pedido de dinheiro:

«Expedi-te um telegrama, pedindo-te para me mandares dinheiro, porque estou absolutamente precisado. O dinheiro aqui corre pelas mãos fora quase imperceptivelmente. Trouxe do Porto 10 libras, e já estou reduzidíssimo, tendo apenas comprado meia dúzia de camisas. Tem paciência e faz mais este sacrifício pelo teu irmão e amigo muito grato.»

O irmão fez o sacrifício, e não foi unhas de fome:

«Recebi hoje o dinheiro que me mandaste. Não precisava de tanto, mas como veio melhor.»

Está, agora, resvés de ser colocado, e do caso assim dá conta ao irmão:

«Tenho todas as esperanças de ser despachado breve para uma destas localidades — Maranhão, Sião, ou Estado Livre do Congo. Eu não escolhi. O meu sistema de ataque baseia-se neste princípio — *vou para qualquer parte*, seja onde for. No entanto, todas as probabilidades se inclinam para Sião. A terra é bárbara, mas tem vantagens sobre a África, como clima e sobre o Brasil, por não ser sujeita aos conflitos que ali são vulgares, o que afasta todos os cônsules. Demais, em Sião, pouco haverá que fazer, e como lá não temos legação, o cônsul tem mais atribuições, mais privilégios e creio que maior ordenado. Não sei quanto é, mas não pode ser inferior a 3 contos. Já me disseram, porém, que eram mil libras, como nos outros consulados do Oriente. Ora, com tal quantia pode viver-se *desembaraçadamente* em qualquer parte do mundo, e de mais a mais com a certeza de ser transferido para a Europa, na primeira situação progressista»⁸.

⁷ *Ibidem*, p. 22.

⁸ *Ibidem*, p. 25. Carta escrita do Porto, a 9 de Agosto.

4. Foi colocado no Sião

Foi, realmente, colocado no Sião. E ficou sabendo que terá de ordenado 500\$000 + 1.500\$000 de gratificação e mais um conto de réis para despesas de representação — soma total de 3.000\$000 réis, fora os emolumentos das arrecadações das heranças particulares.

«Parece-me excelente. É consulado de 1.^a classe, estou, portanto, na carreira, e o clima é admirável. Sobre a época da partida deixaram-na ao meu arbítrio, mas pedem-me que vá depressa. Disse que o mais cedo que poderia partir era a 5 de Abril, nas *Messageries maritimes*.

Não sei ainda quanto me dão, nem quanto para as despesas de partida. Tenho, porém, de tirar a patente, que importa, com selos e mais verbas, 100\$000 aproximadamente. Peço-te por isso que me mandes dinheiro para me ir preparando com fatiotas e farda. Logo que eles me abonem as despesas para a partida, reembolsar-te-ei. Queria que fizesses isto com a máxima brevidade para me retirar o mais depressa possível. Podes mandar-me o dinheiro, por intermédio do Banco de Viana»⁹.

Na carta seguinte, diz ao irmão: querem «*a todo o risco eleger-me pai da pátria nas proximas eleições. [...] Em todo o caso, porém, estou resolvido a partir. A viagem não me custa. O trajecto é tão conhecido que os naufrágios são rarísimos. Demais eu posso em dois anos fazer lá algumas economias para vir espatifar pela Europa. Além de tudo, se teimarem em fazer-me deputado, volto quando for ocasião. A terra é magnífica e eu dou-me bem em toda a parte. Na Europa, não há, actualmente, consulado de 1.^a classe, e é de crer que os progressistas não conservem o escândalo do Havre, nem eu já quero fazer-me pedinção.*»

*

* *

António Feijó não chegou ao Sião. Mas se lá estivesse poderia, acaso, escrever uma carta, como a seguinte, que li, julgo, que em Manuel Bandeira?

⁹ *Ibidem*, pp. 27-28.

«Como você sabe, o Sião é uma espécie de Veneza, atravessado por dois largos rios unidos por uma infinidade de canais. Assim grande parte do transporte de gentes e mercadorias é feita em barcos, muito semelhantes a gôndolas, mas como os da Baía, providos de uma figura de proa, geralmente em forma de mulher, de braços abertos e seios nus. Isso durou séculos, sem que provocasse escândalo. Agora, porém, o novo Chefe resolveu acabar com essa pouca vergonha. De que maneira? Ordenando que as figuras femininas das proas dos barcos passassem a usar *soutien*! É uma delícia ver agora as inocentes mulherinhas de pau cruzarem os canais com as rijas tetas revestidas de enormes *soutiens* que nem sempre lhes ficam bem...».

5. E, afinal, não foi colocado no Sião, mas na Legação do Rio de Janeiro

E, afinal, não foi colocado no Sião, mas na Legação do Rio de Janeiro¹⁰. E já a bordo do *Wiger*, a 27 de Junho de 1886, escreve ao irmão:

«Devemos chegar ao Rio de Janeiro no dia 7 de Julho. Levamos uma marcha de 14 milhas por hora, num mar de leite e vento favorável.»

Chegou, enfim, ao Rio, e em carta de 24 de Julho dá as suas notícias ao irmão. E bem curiosas elas são. Arrebite o leitor a orelha:

«[...] Por aqui tudo é bonito, menos a gente. Os brasileiros, ciosos da sua independência até ao extremo, são de uma susceptibilidade infantil, mesmo os homens mais altamente colocados. Os portugueses, na maior parte, homens que vieram de Portugal sem educação nem vintém, tristes viajantes de proa, com chinelos de bezerro e chapéu braguês, a quem o acaso enriqueceu, — honrados loucamente pelos nossos governos, são de um orgulho intratável e de uma

¹⁰ «A minha posição, aqui, é, como de Lisboa te comuniquei, cônsul-adido à Legação. O decreto manda-me servir aqui por *conveniências de serviço*. (*Cartas íntimas de António Feijó*, p. 69. Coimbra, 1961). A carta é dirigida a seu irmão José.

pretensão irritante. Vê tu com que gente nós temos de tratar e em que meio hostil nos movemos.

[...]O país é lindíssimo. Desde que a gente passa o Equador até à entrada na baía do Rio de Janeiro já os incómodos da viagem são compensados pelos surpreendentes espectáculos de que se goza. Não há nada mais belo, nem pode imaginar-se coisa mais sublime, do que um poente tropical. O horizonte tinge-se de cores vivas e ardentes, as nuvens tomam aspectos verdadeiramente fantásticos, e o disco solar apresenta um aspecto completamente verde — *vert foncé* — quando as águas do mar têm a cor azul. É fenómeno físico, proveniente da combinação do azul com o amarelo, mas é divino. Depois, a entrada no Rio de Janeiro é incomparável. A baía estende-se por entre morros talhados a prumo, uns cobertos de verdura, outros calcinados pelo calor, que parecem rebentar do meio das águas, tranquilas como um lago. É monumental. A entrada do Tejo, apesar de toda a sua beleza, não pode suportar a comparação.

A cidade é feia, acanhada e suja, de ruas tortuosas como o antigo burgo do Bispo do Porto; mas os arrabaldes são encantadores. É uma série imensa de ruas que bracejam por entre os morros, ladeados de casas de campo e *chalets*, todos com jardins à frente, a que eles chamam xácaras, e que fazem lembrar a nossa formosíssima praia da Granja. Há passeios lindíssimos e muito em que a gente se divirta, mas tudo por preços exorbitantes.»

6. «Aqui não se faz caso do dinheiro
— É papel»

«Aqui não se faz caso do dinheiro — é papel. Para avaliarestes destas coisas vou contar-te o que me sucedeu com o homem que me lava a roupa. Levou-me, da primeira vez, 15\$000 rs.; perguntei-lhe — a como é cada camisa? Para as pessoas de consideração, como V., 300 rs. Repliquei: — e para os outros?? Resposta: 200 rs.! O melhor da festa é que tive de pagar 500 rs., e, ainda por cima, ficar-lhe obrigado por me julgar *pessoa de consideração*. Fazer a barba e cortar o cabelo custa 1\$000 rs.; dá-se de gratificação, a cada

chocheiro, pelo mais pequeno serviço, 2\$500 rs.; paga-se por cada garrafa de vinho falsificado 4:500, e 3:000 o mais barato. Um chapéu custa 18:000, umas botas 20.000, preço mínimo. Perdi, em Lisboa, no dia do embarque, um sobretudo fino, de cobrir a casaca; mandei aqui fazer um outro, para o substituir, e paguei por ele 85:000 rs.! É uma coisa fabulosa.»

7. A Rua do Ouvidor

«O comércio é todo na cidade velha e o comércio elegante de tecidos e modas está centralizado na celebrada *Rua do Ouvidor* e outras confluentes. A rua do Ouvidor é estreitíssima, mas com um aspecto perfeitamente americano — os armários, enormes e todas as cores e tamanhos e feitios, saem para fora das casas por meio de hastes de ferro, de forma que podem ser vistos de qualquer ponto, o que, de noite, produz um belíssimo efeito. Mas, de tudo, o que mais me espanta é o extraordinário movimento. É um formigueiro humano, a todo o instante; em suma: a gente é tanta como aí debaixo das árvores, no passeio, num dia de feira ao meio-dia. Está proibido o trânsito de veículos, mas, ainda assim, só se pode andar a passo. Nessa rua, o comércio é importantíssimo, e as lojas são fornecidas de tudo o que há de mais moderno, de mais caro e de mais bonito.»

8. O pior de tudo é a gente

[...] «Aqui, como já te disse, o pior de tudo é a gente. [...] Esta gente imagina que deve ser visitada primeiro — querem beija-mão com cartas de recomendação. Ora eu tenho ali muitas dentro da minha mala, mas só as entrego em minha casa, quando me vierem procurar.

Houve até alguns merceeiros ricos e brazonados que queriam que o Ministro os fosse cumprimentar, antes de ser visitado por eles, e admiram-se muito de que Sua Ex.^{cia} não trouxesse cartas de recomendação! Um homem que é portador de uma credencial do Rei, que o acredita como seu Representante e do País, devia trazer bilhetes de favor, como qualquer caixeiro para estes ilustres pançudos comendadores milionários! De sorte que não tenho tido o raro

favor de ser cumprimentado pelos meus queridos compatriotas.

[...] Apareceu-me, ante-ontem, no Consulado Geral, o António Caçador, chegado há dias, que vem tentar fortuna. É incrível a obcecação desta gente, que imagina que o dinheiro anda por aqui aos pontapés. Sem habilitações de qualidade nenhuma, vêem-se forçados a trabalhar no primeiro mester que aparece, mal alimentados e vestidos, de forma que só servem para aumentar a contribuição funerária desta imensa metrópole. Tive dó dele, e arranjei que o «Ministro o tomasse por criado, visto que ele sabe alguma coisa da *arte de escudeiro*.» Eis aqui está para que um homem vem ao Brasil!

9. Só há um negócio lucrativo — é a prostituição

Aqui, hoje em dia, só há um negócio lucrativo — é a prostituição. Há mulheres de todos os países e de todas as raças, judias, austríacas, húngaras, espanholas, francesas, em suma — de toda a parte do mundo — e as mais baratas custam 50.000 rs.! Neste género, negoceiam certos homens, que são rigorosamente punidos, quando descobertos, e vão à Europa buscar navios carregados de *carne* para os lupanares, como antigamente iam à África comprar negros para outro género de trabalho. Algumas destas criaturas chegam a fazer fortuna, e retiram-se então para as suas terras, em *graves damas*. Há dias, vi uma no Teatro Lírico, que trazia 100 contos de réis, em brilhantes! Vé lá que *trabalhos* para se juntar semelhante soma a 200.000 rs. por noite e por freguês!»¹¹.

10. Doutores, comendadores e coronéis

Na carta seguinte, António Feijó dá, ao irmão, estas singulares informações, no respeitante aos habitantes do Rio:

«São de três espécies — doutores, comendadores e coronéis. Rapaz dos 20 aos 30 anos, de luneta e porte sério —

¹¹ *Ibidem*, pp. 60-63.

é doutor; homem de suíça grisalha ou passa-piolho — é comendador; cidadão de bigode ou barba toda — é coronel. Isto é rigorosamente exacto, não imagines que estou fazendo espírito. No entanto, das 3 espécies em que se divide o género humano do Rio de Janeiro, a menos vulgar é a dos comendadores. O que há mais é coronéis e doutores. Coronéis há seguramente 3.000, de regimentos imaginários. E doutores fazem-se desta maneira: Um empregado da Alfândega de Pernambuco, pouco mais de guarda, resolveu formar-se em Leis. Firme nesta resolução, partiu para a Universidade e, em 17 meses, voltou para a sua terra, com as cartas de Bacharel, autênticas e limpas. Já por isto podes imaginar que não é *blague* o que te disse. É incalculável a quantidade de *animais* desta ordem que por cá exercem a advocacia e a cirurgia ou medicina. Eis a razão das muitas causas perdidas e do grande obituário desta Capital.

11. O vício do jogo

«... Uma das coisas mais notáveis desta terra, e que está em contradição com o seu carácter de cidade, é o vício do jogo. Há dias foram as corridas do *Jockey-Club* — o grande prémio. Estavam 15.000 pessoas e jogaram-se em apostas 1.000 (mil) e tantos contos! Só uma *poule* era de 270 contos, sendo a entrada de 10.000 réis. É uma coisa fenomenal. Joga tudo — homens e senhoras, com uma loucura desenfreada. Eu limitei-me a apostar uma garrafinha de *champagne*, com umas encantadores meninas que estavam ao pé de mim. Ganhei, mas paguei — *noblesse oblige*. Ainda tenho mais coisas que te contar, mas estou a cabecear com sono e já estou a escrever coisas sem nexos e a misturar alhos com bugalhos».

12. O clima

Noutra carta, António Feijó diz ao irmão:

«... Quanto a saúde tenho passado bem. Nos primeiros dias andei completamente estourado e desarranjado do estômago, mas agora passo perfeitamente.

Incomodam-me extremamente os bichos, que são aqui numa abundância excessiva, e estou com uma grande erupção pelo corpo, mas isto aqui é saúde. O clima continua agradável. Ainda não houve grande calor — temos tido uma temperatura excelente, regulando entre os 16 e 23 graus centígrados. As noites é que são mais quentes, e numa delas já *tive a honra* de vestir 4 camisas, por causa do suor. Mas isto foi uma vez apenas, por ocasião de uma grande trovoadas. O pior que tem este clima é o ser excessivamente húmido. O sol é sempre calcinante, mas se se levantar uma pedra na rua, a terra está completamente molhada e a fumejar. É isto a causa das grandes doenças que por aqui dizem os habitantes, especialmente estrangeiros»¹².

Em carta escrita da Legação de Sua Magestade Fidelíssima, Rio, 20-X-1886, diz António Feijó a seu irmão José:

«... Eu aconselharia os meus patrícios que não viessem para aqui. Isto é uma necrópole por causa da febre amarela e o tempo de fazer grandes fortunas passou. Já toda a gente tem os olhos bem abertos e acabou o *contrabando da escravatura*, que foi a principal origem das enormes fortunas doutro tempo»¹³.

13. É colocado no Rio Grande do Sul

Entretanto, António Feijó é colocado no Rio Grande do Sul. A 10 de Dezembro [de 1886], diz a seu irmão José:

«... Hei-de arranjar os jornais da terra para veres as honrarias de que fui vítima. A terra não é má de todo. É muito parecida com Viana, vista do Rio, mas é maior que Braga, talvez. O campo, a *campanha*, como aqui lhe chamam, é que é triste e desolador. É uma planície extensíssima de areia fina e doirada, sem um morro, sem uma árvore, sem água nem verdura. A vegetação é de uma pobreza que consterna. Numa ilha a meia hora de viagem, há vinho e todas

¹² *Ibidem*, p. 71. Numa carta de 24/X/86, diz: «Vou concluir, porque estou num banho de suor. Para conservar este papel limpo, escrevo com a mão direita pousada sobre um papel de mata-borrão.

¹³ *Ibidem*, p. 77.

as frutas europeias, mas não prestam para nada. Há-as, magníficas, vindas de Montevidéu, e é isso que nos vale, apesar do preço exorbitante. Cada pires de morangos custa mil réis; cada pera 300 rs., cada pêsego *idem*.

No entanto a vida aqui é muitíssimo mais barata do que no Rio, principalmente no que toca à alimentação. Cada quilo de carne magnífica custa 200, ou 240 rs. fracos, e há magnífica vitela e esplêndido carneiro. A gente não é má e tem-me obsequiado distintamente».

Em 16 de Março de 1887, escreve ao irmão, falando-lhe da sua saúde abalada:

«... continuo vivendo menos mal, mas muito aborrecido e com ameaços duma doença grave. É nem mais nem menos do que a moléstia que tu tens — pedra na bexiga. Comecei a notar, todas as manhãs, certo depósito nas urinas; fui imediatamente consultar um médico, mulato extraordinariamente talentoso, que me disse, sem mais reбуço — é uma tendência à formação de cálculos. [...] Seja tudo pelo divino amor de Deus, que teve a pouca vergonha de inventar cálculos na bexiga, como se não fosse bastante a bexiga que Ele nos faz constantemente. É um ratão este bom Deus. Criou-nos para nos desfrutar. Mas em compensação também o hei-de trocar com bisnagadas de água de Vidago...»¹⁴.

14. As doenças

As doenças de António Feijó não ficaram por aí. Em carta de 3 de Setembro, ainda a seu irmão José, escreve, do Consulado do Rio:

«... Andei perfeitamente bom durante muito tempo, mas, de repente, sem sintomas nem indícios anteriores, fui assaltado brutalmente por incómodo atroz. Não sei bem o que foi; o que sei é que, entre outras coisas, estive ameaçado de uma congestão cerebral, a ponto de ficar com o cristalino dos olhos vermelho como a baeta com que se atraem as abelhas. Felizmente não me faltaram socorros, e estou muito

¹⁴ *Ibidem*, pp. 95-96.

reconhecido para com a principal gente da terra, nacionais e estrangeiros, que à porfia me dispensaram os maiores obséquios. Logo que a notícia se espalhou na cidade, encheu-se-me a casa de gente e, às 8 horas da manhã, tinha à cabeceira todos os médicos daqui. Não sei como me não mataram, porque já um é de sobra para alimentar os açougues da Morte. Mas imagina tu qual o meu espanto, ao ver entrar um homem desconhecido, vesgo e ruivo, e sem mais tir-te nem guar-te, toma-me o pulso, descobrir-me e examinar-me atentamente sem pronunciar uma palavra, sem fazer caso das pessoas que estavam presentes. Era um médico italiano, uma grande celebridade, que estava a bordo de um navio surto no porto, para seguir para Montevideu, onde tinha sido chamado para fazer uma operação. Chama-se Zanzerthal e é professor de clínica na Universidade de Roma. Foi o redactor dum jornal que, sabendo da chegada do sábio, foi buscá-lo a bordo, e, sem o conhecer, conseguiu trazê-lo. Homem rude e sacudido pareceu-me uma excelente pessoa, e tão excelente que me não levou dinheiro, tendo tido a audácia de desaprovar o tratamento indicado por um dos médicos presentes. Hei-de fazê-lo comendador de Cristo, porque os italianos pelam-se por estas honrarias.

Por isto que te conto e por outras macacoas que tenho tido, já vês que o clima é um pouco hostil à minha compleição. Apesar do frio que aqui faz, frio de bater o queixo, dei-me muito melhor no Rio de Janeiro.

Contudo é falso que eu tenha pedido directamente, ao Ministro, *melhoria* de situação. Mandei-lhe falar, é certo, pelo Luís de Magalhães, na minha transferência para Nova Iorque e depois para a Europa. Agora é que lhe vou escrever, dirigindo ao mesmo tempo uma circular a todos os meus amigos para que intercedam por mim, junto do Ministro. Se estiveres em boas relações com os políticos desses sítios, e quizerem falar-lhe nisso, não será mau de todo, especialmente ao Conde de Bertandos, que é meu amigo. Quantos mais, melhor. Eu não faço indicação de terra — qualquer consulado me serve, sendo na Europa. Se me demorasse por aqui, tinha, de certo, melhor futuro, mas já estou aborrecido de aturar os nossos compatriotas, que são insuportáveis.»

15. Calor «de tirar bifés das costas» ...

Na carta seguinte (de 30 de Novembro) queixa-se do calor que é de ananases:

«São 11 horas da noite e o termómetro que ali tenho em frente, próximo da janela escancarada, marca 29 graus centígrados. Compreendes, por isto, o sacrifício que é necessário fazer, para não faltar à obrigação de dar notícias à família, ao menos duas vezes por mês. Este *intróito* quer dizer que, desta feita, vou ser muito mais breve que prolixo, visto que é impossível estar, muitos segundos, vergado sobre a mesa e com a cabeça ao pé da luz — a mão esquerda agitando o leque, e a direita deslizando sobre mata-borão, para não ensopar o papel, de suor. Uf! que é de tirar bifés das costas! Felizmente o barómetro baixa consideravelmente e é de crer que, lá para as 4 da madrugada, refresque com alguma tempestade de fazer tremer a casa.»

16. Espera ser transferido para Gibraltar

A 30 de Novembro, informa José:

«... Quanto a mim, agora passo melhor de saúde, podendo mesmo dizer que estou completamente bem. Parece que me dou melhor com o calor do que com o frio. Espero, contudo, não me demorar, por aqui, muito tempo, porque conto que o Barros Gomes me transfira para Gibraltar, visto que morreu o José (?) e ele assim me tinha prometido. O diabo é eu não estar em Lisboa neste momento, porque lá tenho a certeza de que obtinha o Consulado de Gibraltar, sem grande dificuldade.»

Na carta seguinte (1 de Janeiro) volta à transferência:

«... Conto ser removido, mas não sei ainda para que terra ou para que país. O Nogueira Soares quer que eu vá para Pernambuco, mas eu prefiro a Europa ou a América do Norte. De Brasil estou cheio até aos olhos, apesar de Portugal não ter nas terras de Santa Cruz cônsul que tenha sido mais estimado. O Nogueira Soares dizia-me o seguinte, numa carta que há dias me escreveu, em resposta a uma em

que eu lhe pedia que solicitasse do Barros Gomes, a minha transferência para Gibraltar:

«Como seu verdadeiro amigo, desejo que seja transferido para Gibraltar. É uma regalada Conesia que lhe deixará livre todo ou quase todo o tempo e não lhe causará o menor desgosto. Por isso lhe comuniquei pelo telégrafo que o lugar estava vago, logo que dessa vacatura tive conhecimento. Mas como Ministro no Rio, não posso apoiar ou solicitar a sua transferência para Gibraltar. Julgo da máxima conveniência pública que o Feijó seja agora transferido para Pernambuco, depois para a Baía e mais tarde para o Rio. É necessário que os nossos compatriotas saibam que não se acabou ainda em Portugal a raça dos cônsules dignos, a todos os respeitos.

Trancrevo textualmente, para veres, pelo conceito que de mim faz o meu chefe, o modo como tenho procedido.»

E volta ao suor:

«Para escrever esta carta estou com um lenço atado na testa para embeber o suor e com um papel mata-borrão aparando a água que destilo da mão. No entanto, dou-me bem com isto. Mandeí fazer uma roupa de seda crua, e ando pelas ruas de leque como um japonês.»

E torna, em carta de 27 de Janeiro, a falar na sua ideia de transferência:

«... O consulado de Gibraltar era uma maravilha. Sem trabalho e sem súbditos de S. M. Fidelíssima, passaria aí a minha vida, com passeios intermitentes à nossa terra, sem ter quem me causasse o mínimo desgosto. Assim ainda não sei por quanto tempo terei de comer o pão negro do exílio, por estas paragens brasileiras.

Em carta de 20 de Fevereiro, volta às suas doenças:

«... Depois da minha última doença, fiquei sofrendo bastante do estômago, mas estou completamente curado. O meu médico, — um mulato muito inteligente, formado em Paris, — lavou-me o estômago, duas vezes, com o aparelho de Fauché, e fiquei completamente fino. Custa um bocado a tal operação, porque é necessário meter um tubo de borracha pelo esófago, mas os resultados são excelentes. Vale por todos os medicamentos conhecidos, e o incômodo não dura mais que dois minutos. A lavagem faz-se com qual-

quer água mineral, por um processo baseado na teoria do sifão.»

Em carta de 20 de Abril, de novo a transferência:

«... Quanto à minha transferência já perdi a esperança, completamente. O Vicente Pindela, que está em Lisboa, assim mo deu a entender, numa carta que há dias me escreveu. Paciência. O que não perdi é a esperança de me retirar no próximo mês de Junho, porque, em última análise, peço a dimensão. Do Barros Gomes não solicito mais coisa nenhuma, e vou escrever a todos os meus amigos que deixem o homem em paz. O Nogueira Soares dizia-me, há dias, que se *eu ficasse no Brasil*, tencionava propor-me para Inspector consular, porque eu era o único cônsul *competente e em que tinha confiança*. Declarei-me que nas suas mãos *entregava o meu espírito*, na certeza, porém, de que eu não pedia mais nada ao Barros Gomes, e de que não queria por coisa nenhuma continuar aqui.»

17. «Estou cheio da América até aos olhos»

Em carta de 10 de Setembro de 1888:

«Estou cheio da América até aos olhos; farto de tanta porcaria, de tanta demanda, de tanta chicana, de tanta pulhice. Para me limpar, ao pôr os pés em Lisboa, preciso de um banho com toda a água do Labarraque que houver nas farmácias. E posto em Lisboa eu as cantarei ao Barros Gomes; eu lhe perguntarei pelas promessas que me fazia espontaneamente, quando me levava para casa no carro dele. Ao menos, há-de ouvir um desabafo, que fará morrer de susto as filhas de Maria, se porventura me ouvirem. Hei-de procurá-lo na sacristia do Loreto, na missa das 7, e de lá, diante do Cura, é que eu hei-de ensinar o beatíssimo Ministro.»

Sai, entretanto, de viagem. A 11 de Março de 1889, está de volta do Mato Grosso. Transcrevemos um pouco da reportagem que faz ao irmão:

«Cá estou, finalmente, de volta da minha longa e fatigante viagem a Mato Grosso. Gozei sempre de saúde, apesar dos calores excessivos que tive de suportar — desde 30 a 40 graus centígrados. Andei mês e meio dentro duma verdadeira

fornalha, mas portei-me galhardamente. Só na capital do Paraguai é que me sucedeu o fracasso de desmaiar na ocasião em que me sentava à mesa no *corredor* do Hotel Hispano Americano. Felizmente os companheiros de viagem socorreram-me a tempo, cobrindo-me a cabeça com gelo, e atacando-me neve para o bucho, de forma que uma hora depois estava alegremente bebendo *champagne*, como se não tivesse havido nada.»

No regresso, teve uma recepção estrondosa:

«Nunca cônsul nenhum de Portugal no Brasil se gaba de uma recepção como a que me fizeram. Foi uma festa de tal ordem que cheguei a fazer a triste figura de *botar lágrima*.

[...] Não sei ainda quando irei para Pernambuco, porque tenho ordem da fazer *escala pelo Rio de Janeiro*, e ali a febre amarela e as perniciosas estão fazendo horríveis estragos. Morrem 300 pessoas por dia, e, destas, 20 ou 30, fulminadas repentinamente.»

Em carta, de 4 de Agosto, de Rio Grande, dá António Feijó conta de nova doença:

«Ao vir do Porto Alegre, termo da minha viagem de inspecção aos postos consulares, adoeci gravemente e estive *de molho* entre lençóis, dias sem conta, dias terríveis ...

[...] Pensei muito convencido que tinha chegado, para mim, *le commencement de la fin*. Desta feita, porém, escapei, mas saí da cama, como uma linguíça do fumeiro.

[...] Em Porto Alegre fui objecto das mais altas demonstrações de apreço. Os nossos compatriotas vieram esperar-me num vapor especial, a légua e meia de distância, já se vê com as competentes músicas e foguetes.»

No Hotel, «tive de deitar discurso, *soltar o verbo às massas*. Nunca imaginei na minha vida que me veria uma vez obrigado a falar diante de tanta gente e de uma *janela abaixo*.

[...] Rimo-nos deles por lá, e não calculamos o amor que eles nos tem, nem o valor, nem a importância de que dispõem. Tudo que há de bom por aqui é feito por eles.»

Em carta de 16 de Novembro de 1889, fala da Revolução Republicana, que rebentou no Rio, e profetiza, que «se a Revolução triunfar, daí virá o desmembramento do Brasil.»

A 6 de Maio de 1890, já de Lisboa, escreve ao irmão, dizendo-lhe que vai voltar-se para a Suécia, «pedindo a criação de um Consulado de 1.^a classe em Estocolmo e em Copenhague. Falei com o Rei. Recebeu-me o mais amavelmente que é possível e esteve a *ouvir-me histórias do Brasil*, mais de 20 minutos. Disse-me que *não havia de voltar para o Brasil*, porque ele se empenhava nisso. Que sabia bem que eu tinha prestado bons serviços e que procuraria remediar as injustiças que me fizeram. Pareceu-me um bom rapaz muito tímido. Estava tão acanhado a princípio, que eu é que parecia o Rei. Tratou-me admiravelmente. Só faltou dar-me um abraço»¹⁵.

18. De passagem por Berlim

A nomeação para Estocolmo chegou a estar vacilante. António Feijó conta ao irmão, em carta de Lisboa, 29 de Setembro, de 1889:

«À última hora, o Visconde de Paço d'Arcos queria por força o consulado de Estocolmo para o irmão que de simples Chanceler, sem curso superior, nem concurso, passou a Cônsul de 1.^a classe, em Zanzibar, sendo ao mesmo tempo posto na disponibilidade, encarregado em seguida de inspecionar os Consulados na América, com ordenados pingues! E, ainda assim, não ficou satisfeito, queria um Consulado na Europa, para quando acabasse a inspecção. Valeu-me a *régia protecção*. O Hintze disse ao Paço d'Arcos que era um compromisso com El-Rei, e que, portanto, ele se recusaria a nomear outro que não fosse eu.»

Enfim, lá partiu o nosso António Feijó para Estocolmo, passando por Berlim, e, a propósito, conta ao irmão, em carta de 4 de Março de 1891:

«Hoje, vi o Imperador e deu-se, a este respeito, uma coisa curiosa. Depois do almoço fui passear para a Avenida das Tílias, e vi ao longo de uma das ruas laterais, duas grandes filas de povo, acotovelando-se para chegar à frente.

¹⁵ O Rei D. Carlos que subiu ao trono em 1889.

Como não sabia o que era, nem podia perguntar aos polícias, meti-me na multidão e esperei. Dali por meia-hora passava o Imperador, dentro duma carruagem descoberta, embrulhado numa grande peliça e com um formidável capacete na cabeça. A multidão descobria-se toda (alguns milhares de pessoas) e gritava vivas ao seu monarca, com uma satisfação e alegria verdadeiramente espantosa. O Imperador, um belo e grande rapaz, de olhos azuis cheios de altivez, correspondia, militarmente, como um triunfador. Disseram-me depois que o espectáculo se repetia todos os dias. Sempre que o Imperador sai, o *bom povo de Berlim* vai esperá-lo ao caminho, para o saudar. Ainda há-de dar brado no mundo este belo rapaz. Tem o retrato por toda a parte. Numa loja vi a fotografia dele e da mulher, com as caras unidas e abraçados um ao outro: por baixo estava escrita, em alemão, esta legenda: o *nosso querido par imperial*.»

Na carta seguinte, já escrita de Estocolmo (11 de Março), diz:

«Cheguei no dia 9, e trouxe comigo um tempo magnífico. Céu sem nuvens, sol deslumbrante e 11 graus centígrados ... abaixo de zero. Mas, a respeito de frio, aí por Viana, sente-se muito mais. Dentro de casa, nos cafés, nos teatros e nos restaurantes há sempre uma temperatura agradável, e nas ruas as peliças resguardam perfeitamente. Basta dizer-te que quase toda a gente anda em carro descoberto e de preferência em trenó, que é muito mais suave. Tudo é branco — as ruas, as casas, as árvores, etc. A neve cobre todas as coisas como uma espessa camada de açúcar, mas a cidade é lindíssima e o verão está à porta.»

19. «O diabo é a língua ...»

É de 25 de Março de 1891 a segunda carta escrita por António Feijó ao irmão José. Dela extraímos uma parte:

«... Continuo satisfeito com a minha sorte. Dou-me bem no clima e a gente é boa. O diabo é a língua, e enquanto não consigo aprendê-la, tenho, como é natural, de me aborrecer grandemente. Na alta sociedade quase toda a gente fala mau francês, mas nem sempre posso estar com essa gente.

Há por aqui coisas formosíssimas, especialmente em louças e *antiguidades*. Se o Junqueiro se apanhava aqui, arruinava-se em dois meses. Ontem, vi num ourives, o copo de prata lavrada, por onde bebia a *Cervicia* de que fala Tácito, um grande senhor godo, contemporâneo de Átila. É enorme e admirável. Custa apenas 500.000 rs.!»

Em 12 de Abril:

«... Continuo a passar maravilhosamente, pelo que toca a saúde. O clima é admirável — conserva, como as vinagreiras. Lembra-te, porém, que nesta altura do ano, em pleno Abril, os fogões ainda funcionam de dia e de noite, com toda a actividade. É uma consolação a gente dormir sem cobertores, quando lá fora está tudo coberto de neve. Os dias são lindíssimos, raras vezes o sol aparece encoberto, e o ar é tão puro e vivo, que, quando bate no nariz dos transeuntes, é mesmo como uma navalha de barba.»

20. «O que mais me tortura são os jantares ...»

«Apesar de todos estes encantos, vivo por enquanto singularmente aborrecido, porque da língua sei apenas meia dúzia de palavras soltas para dizer à criada, que de resto me compreende perfeitamente por gestos.

O que mais me tortura são os jantares para que me convidam. É bebedeira certa. Tenho a cabeça forte, e o meu *tirocínio* de Coimbra habilita-me a resistir a *grandes massas alcoólicas*, mas, ainda assim, se conservo a cabeça no seu lugar, as pernas fraquejam por vezes, e se ao voltar para casa não encontro tipoia, *cambaleio* o meu bocado.

Nos jantares quase que se não conversa — bebe-se. Começa o festim, por um brinde do dono da casa, saudando os convivas e agradecendo-lhes a sua presença, logo depois da sopa. Antes disto já toda a gente tem bebido, com o *hors d'oeuvre*, um grande cáliz de aguardente da Noruega. Depois, durante o jantar, ninguém pode beber *sem parceiro*, quer dizer, sem saudar alguém, dizendo apenas esta palavra: *scol*, e olhando para a pessoa a quem nos dirigimos.

É elementar polidez *pagar imediatamente a visita* e beber *com todas as pessoas* presentes, excepto com os donos da

casa. Se *cometer esta falta*, é obrigado a beber 7 ou 14 cális, conforme a saudação foi feita ao dono ou dona da casa. No fim, o conviva que está à esquerda deles, levanta-se e faz um pequeno *speech*, em nome de todos, agradecendo os donos da casa, e bebe todo o mundo a virar. Ao café, imagina o estado dos convivas, embora bebam pouco de cada vez. Mas não finda aqui. Com o café servem-se os licores e as saúdes continuam. O sueco nunca bebe sem brindar alguém. O convite para jantar, quase sempre implica convite para a ceia. Até lá, *beberrica-se* continuamente, e na ceia, a mesma cena do jantar. Um horror!»

21. Democracia sueca

«Com esta carta, e a título de curiosidade, remeto-te o meu retrato em *toilette* boreal. Faltam-me só as galochas, que deixei à porta do fotógrafo, para ficar um urso perfeito. Ainda há quinze dias andava assim pelas ruas, de resto como toda a gente. Agora a temperatura está mais doce, mas chove todos os dias, o que é de um aborrecimento mortal. A primavera é horrível nestes países. Dias enormes, — anoitece depois das nove horas — ventanias e chuvas um horror. Felizmente Junho está à porta e começa então a grande vida. O verão é esperado pelos suecos com a ânsia de um noivo pelo dia do noivado. São preparativos por toda a parte. Aqui pouca gente se preocupa pelo dia de amanhã. Todos se divertem e fazem dívidas, uns aos outros, o que é uma compensação. Os costumes, apesar de originais, são extremamente simples, e há uma grande harmonia entre todas as classes. Há dias andava a passear com o Soto Maior, quando, ao voltar de uma esquina, encontramos dois sujeitos vestidos como quaisquer burgueses, e inteiramente desconhecidos para mim. Vi logo, porém, que eram personagens, porque o Soto Maior descendo do passeio, parou com o chapéu na mão. Então um deles, o mais alto, também descoberto, dirigiu-se-lhe, e disse-lhe — *Comment ça va, mon cher ami?* Imagina o meu espanto quando ouvi o Soto Maior responder — *Merci, Sire!* Era o Rei Óscar, que andava a passear, como qualquer mortal.

Dias antes fui convidado por um pintor, para visitar o seu *atelier*. Quando saía de casa dele, com um sujeito que me tinha acompanhado, encontrei um rapaz subindo as escadas a quatro e quatro, com o chapéu para a nuca e um cigarro ao canto da boca: era o príncipe Eugénio que ia cavaquear com o Pintor. Nem no Brasil o Imperador se democratizava por tal forma. E no entanto, talvez por isto mesmo, tanto o Rei como a Família Real são estimadíssimos por toda a gente.»

22. A actriz que «raptou» um conde

«Ainda a propósito deste assunto, costumes suecos, vou contar-te uma história engraçadíssima, que é o prato do dia em toda a parte. A primeira actriz do Teatro Dramático, uma lindíssima mulher, casada com um colega de grande merecimento, *raptou* há poucos dias, um conde de 22 anos (aqui desta idade são considerados crianças) oficial da Guarda Real. Grande scândalo, etc., etc. Mas o melhor da festa é o seguinte:

A actriz *raptou* o Conde para se fazer *condessa*; mas como, para isto, era necessário prévio divórcio, mandou emissários ao marido, propondo-lho amigavelmente. Vai o marido que é um pulha, ao que parece, declara que não requer o divórcio sem que lhe dêem 100.000 coroas (nada menos de 25 contos de réis), e como ele é o ofendido, a mulher tinha que pagar, ou voltar para a companhia dele. Uma tia do Conde, velha e riquíssima beata, para salvar a moralidade da Família, mandou os 25 contos ao homem que, por seu lado, aceitou reconhecido, e requereu o divórcio.

Estavam as coisas neste pé, quando surge, lá do fundo da Escandinávia, um irmão do Conde, Conde também e militar, declarando que o irmão Conde Roseu não pode casar com a actriz, porque ela foi, em tempos, *sua amante*, e apresentou *provas evidentes*, com cartas comprometedoras, etc., etc. Assim que se sabe da intervenção fraterna, a actriz escapa-se com o seu *pombinho*, e ninguém sabe onde param, nem como, afinal, descalçará esta embrulhada, que parece um romance. O novo Conde quis salvar o irmão, do *atoleiro*,

mas não o salva da *deserção*, da *perda dos 25 contos*, do escândalo e da atriz, que naturalmente o não larga, e que tem artes para o entontecer.

Não achas esta história divertida? Isto pode dar-te uma ideia da moralidade do país»¹⁶.

23. O encontro de Feijó com Sotto-Maior

António Feijó não seguiu as tradições de extravagante elegância do seu antecessor, António da Cunha Sotto-Maior, que levou para Estocolmo (lugar para que fora nomeado por decreto de 3 de Março de 1856) as extravagâncias que já cultivara em Lisboa. Atenção às palavras de António Cabral:

«Investido nas suas altas funções de representante de Portugal na Escandinávia, e instalado em Estocolmo, António da Cunha Sotto-Maior foi ali o mesmo homem de sociedade que era em Lisboa. Os seus ditos cheios de graça começaram logo a ser conhecidos, assim como as suas distrações de caso pensado, e as suas extravagâncias. Tornou-se notada a sua elegância requintada. O fato que vestia de manhã, não era o mesmo que envergava à tarde. Toda a gente reparava nos seus fatos de passeio, que lhe iam de Londres, bem talhados pela tesoura de Pool, e, acima de tudo, causavam admiração as suas gravatas de vários feitios e de variadas cores, sempre adornadas com alfinetes caros, em que reluziam brilhantes, rubis, esmeraldas, camafeus e pérolas preciosíssimas. Também não passava despercebida a pulseira de alto preço, que usava, muito antes de o Príncipe de Gales ter dado voga à moda de os homens trazerem no pulso essa jóia»¹⁷.

De como António Feijó e António da Cunha se encontraram, temos o seu testemunho numa carta escrita de Esto-

¹⁶ *Cartas íntimas de António Feijó*, pp. 178-180 Carta de Estocolmo. Maio 6.

¹⁷ António Cabral, *Dois Diplomatas Ilustres*, pp. 229-230. Lisboa, s/d, Livraria Bertrand.

colmo, a 10 de Março de 1891, publicada na revista *Ocidente*, n.º 17, Setembro de 1939:

«Meu caro amigo

«Com um sol radiante e 11 graus centígrados abaixo de zero, cheguei finalmente a Estocolmo, ontem, 9 de Março, às 8 horas da manhã. Parece incrível, mas é verdade. Andei perdido por Madrid, Paris, Bruxelas e Berlim, mas sempre consegui chegar ao meu destino.

.....

«Em seguida almocei, vesti a minha melhor sobrecasaca, puz a gravata mais vistosa, tomei um *trenó*, e, deslizando sôbre a neve, dirigi-me para casa do Visconde de Sotto-Maior. Quando toquei a campainha do seu elegante *rez-de-chaussée*, senti-me um pouco oprimido, quási receoso e tive ideia de voltar para trás. A lenda do seu espírito e da sua elegância enchia-me de acanhamento, quási que desfaleci. Emfim, o criado apareceu e introduziu-me imediatamente no seu gabinete de trabalho, que é *de appetite*, como se diz no Chiado. Quadros de mestres, bronzes antigos, faianças, gobelins, colecções preciosas e móveis raros — tudo disposto com uma arte suprema. Num grande candeeiro de bronze um *jupon* da célebre dançarina Scheven servindo de *abat-jour*. Segundos depois entrou o Visconde. Estava *precisamente* à minha espera há 3 meses!

«Imagine o meu amigo um velhinho muito afável, muito magrinho, muito pequenino, com uma enorme cabeleira branca e umas grandes barbas prateadas, e tem diante de si o lendário António da Cunha, nas suas linhas mais gerais.

«Trazia um fraque preto à inglesa com gola e canhões de casimira vermelha; colete de setim da mesma côr acotinado de branco, muito aberto sôbre um enorme *plastron* de sêda azul, preso por dois alfinetes de brilhantes e rubis, dum tamanho descomunal, calça de xadrez claro, como as dos nossos hoje defuntos marialvas, caindo em bôca de sino, sôbre uns pés pequeníssimos; sapatos à Luis XV muito decotados; meias de sêde preta, bordadas a amarelo ...

«E aqui tem o meu amigo como eu vim encontrar em Estocolmo, aos 80 ano de idade, êsse grande *viveur* celebrado

pelas crônicas do *Figaro*, no tempo em que êle ceava com Napoleão III nas Tulherias e dormia com M.^{me} Musard, a arqui-milionária amante do Rei da Holanda ...

«Recebeu-me com uma afabilidade encantadora, fêz-me cumprimentos muito amáveis, falou-me de Poetas, enfim, poz-me logo à vontade.— «*Trate-me sem cerimônia, como camarada. Somos dois rapazes, Estocolmo é uma linda cidade, e nous allons nous amuser beaucoup... Que lhe parece?*»

«Saímos juntos, fizemos algumas visitas e demos um passeio pela cidade, que é lindíssima. Convidou-me para jantar às seis horas em ponto, no restaurante Jones. A hora marcada fui procurá-lo. Estava à minha espera: casaca de sêda côm de pinhão, com botões amarelos; enorme gravata branca, com uma das pontas do laço presa ao peitilho da camisa por um rico alfinete com brilhantes; na camisa duas enormes pérolas da Lapónia, cercadas de finíssimas águas; e na lapela da casaca uma admirável rosa-chá, que parecia ainda húmida do calor da estufa, dentro de um pequenino frasco de cristal, que estava preso por uma fôlha de brilhantes, com uma pérola no meio. Nos punhos da camisa, botões desiguais, uma safira e uma esmeralda, ambos dum tamanho fabuloso, e nos dedos da mão esquerda riquíssimos anéis entre os quais se destacava o famoso *trevo*, presente da Imperatriz Carlota. Lenço de rendas antigas, com as armas dos Sotto-Maior bordadas a vermelho, metido entre o setim preto do colete e o peitilho da camisa. Calças pretas de bôca de sino, com uma larga fita de sêde, os mesmos sapatos, e por cima de tudo isto uma peliça de martas zebelinas, com gola e canhões de raposa azul. «Custou-me apenas 12.000 francos; quando a comprei já estava arruinado ...» disse-me ele, como resposta à minha admiração pelo esplendor das suas peles ... «E tenho mais três, concluiu sorrindo ... Como vê tenho o supérfluo; falta-me apenas o necessário.»

«Depois de jantar fomos ver os patinadores. É um espectáculo assombroso.»

.....
A seguir a esta carta, por tantos títulos interessante, de António Feijó, vem referida no *Ocidente* uma das muitas anedotas que a respeito de Sotto-Maior correm mundo:

Aspirava êle a edornar-se com a grã-cruz da Ordem dos Serafins — a mais alta condecoração sueca. Às instâncias do diplomata português, o Rei Ócar, muito seu amigo e não o querendo desgostar, respondia com evasivas, porque aquela grã-cruz só se concedia a Soberanos, Principes, chefes de govêrno. Um dia, Sotto-Maior insistiu com mais fôrça no seu pedido. Resposta do Rei Óscar:

— *Attendez encore quelque temps, cher ami, vous connaissez bien ma bonne volonté, mais la chose est difficile, sans précédent ...*

Réplica de Sotto-Maior:

— *Dans quelque temps, Sire, je n'aurai plus besoin de vos Seraphins, car ja serai parmi eux.*»

Falamos, mais atrás, das extravagâncias de António da Cunha. Uma delas foi contada por Beldemónio, no capítulo VIII das suas *Viagens no Chiado*, e reza assim:

«Sotto-Maior aparece, num dia primeiro de Março, a subir o Chiado, de seu vagar, com as lapelas do *frack* atiradas para trás, os polegares enfiados nas cavas do colete e uma flor azul na botoeira, calça branca, um ar fresco de quem espairece ao mais tépido sol do mundo, sob a chuva que caía a cântaros do céu turvo, pelo Chiado abaixo em catadupas alterosas, que fazia *glu-glu* nas bocas de lobo. Nem viva alma na rua; de longe em longe, um ou outro nariz curioso de transeunte encolhido nalgum vão de porta arriscava-se a aparecer de fora do abrigo, espreitando aquele dilúvio. Sotto-Maior subia sempre, de seu vagar, chapéu um pouco derrubado para a nuca, andar gingado de *flâneur*, insensível à bátega que o encharcava e puxa-o para dentro da loja:

— «Tu estás doido! Pois com um tempo assim ...».

— «Hoje é o primeiro dia de Março, dia em que principia a primavera, segundo o calendário. Deixe-me cá espai-recer; eu faço o meu dever, o tempo que faça o seu!»

E tornou a sair, imperturbável sob o aguaceiro, com as calças brancas alagadas e a cara a escorrer chuva»¹⁸.

António da Cunha não estava a pedir chuva. O que ele estava a pedir era ... Rilhafoles!

¹⁸ *Ibidem*, pp. 151-152.

24. Recapitulação, feita por Silva Duarte

De Pernambuco António Feijó foi transferido, como segundo oficial e Cônsul-Geral, para o Consulado de Estocolmo, por decreto de 22 de Agosto de 1890, para onde partiu em 12 de Janeiro de 1891, tendo tomado posse das novas funções em 23 de Março do mesmo ano.

Foi encontrar como Ministro de Portugal na Suécia o Visconde de Sotto-Maior, já em boa avançada idade, quase a completar setenta e oito anos e, por esta razão, assumiu a gerência da Legação de Portugal em Estocolmo, como Encarregado de Negócios interino desde 13 de Dezembro de

Em Fevereiro de 1892 veio a Lisboa, regressando em Dezembro ao seu posto, no qual se manteve na situação de Encarregado de Negócios interino desde 13 de Dezembro de 1892 a 30 de Setembro de 1893, data em que foi chamado à capital portuguesa pelo Ministro, reassumindo a gerência da Legação, na qualidade de Encarregado de Negócios e Cônsul-Geral em 18 de Novembro do mesmo ano.

Voltou a Lisboa em Outubro de 1894 e em Março de 1895 encontrava-se de novo na Suécia onde permaneceu até fins de Abril, quando veio a Portugal em gozo de licença. Em 17 de Maio de 1896 regressou a Estocolmo e em 28 de Novembro foram-lhe conferidos plenos poderes para assinar uma convenção comercial com a Dinamarca.

Esteve novamente em Portugal de Dezembro de 1896 a Junho de 1897, tendo partido para Copenhaga em 2 de Dezembro a fim de proceder à troca das rectificações da declaração comercial com a Dinamarca.

Regressou depois a Estocolmo, tendo-se mantido na situação de licença de Abril de 1896 a Janeiro de 1899 e ausentando-se do seu posto de 17 de Julho a 20 de Agosto de 1900.

Foi promovido à categoria de primeiro oficial em 1 de Março de 1901, seguindo para a Dinamarca e Suécia para tomar posse da gerência das Legações de Portugal nestas cortes como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, nomeado por decreto de 20 de Junho.

A 17 de Novembro chegou a Copenhaga e, depois de entregar as credenciais, dirigiu-se para Estocolmo onde

passou a chefiar a Legação daquela cidade em 3 de Dezembro. Como Ministro Plenipotenciário, foi acreditado junto da corte da Noruega em 16 de Junho de 1906. Em 28 de Janeiro de 1908 apresentou credenciais na corte de Estocolmo após a subida ao trono de Rei Gustavo V.

Foi encarregado por portaria de 31 de Janeiro de 1909 da coadjuvação, na Secretaria, dos trabalhos pendentes para a renovação dos tratados de comércio entre Portugal e a Suécia e a Noruega, tendo concluído esta missão de serviço em 7 de Abril de 1910. Regressa a Estocolmo a 26 de Abril e na capital sueca veio a falecer em 20 de Junho de 1917¹⁹.

«António Feijó possuía a Grã-Cruz da Estrela Polar da Suécia e a dos Serafins da Noruega ... Escreveu relatórios notáveis, assinou convenções comerciais, trabalhou em tratados de comércio e foi sempre digníssimo representante de Portugal junto das cortes em que se achou acreditado como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário»²⁰.

Cruz Malpique

¹⁹ Silva Duarte, *António Feijó e a Suécia*, pp. 13-15, Lisboa, 1961.

²⁰ António Cabral Pais do Amaral, *António Feijó*, em *Dois Diplomas Ilustres*, Lisboa, 1940.